

HIV/SIDA: desafios para adesão ao TARV

JEREMIAS MESSIAS

"O diagnóstico do HIV/SIDA é um evento traumático porque a doença é conhecida como tendo uma evolução progressiva, não há tratamento curativo e o prognóstico é mau". Hoje passamos sensivelmente 29 anos que se descobriu o HIV/SIDA, desde 1983 a pandemia foi emergindo, transformando-se no mal do século porque ela cristaliza/simboliza a própria maneira como a sociedade vive colectivamente, nenhuma doença na época contemporânea incitou tanto a interrogarmo-nos sobre a nossa identidade, os nossos valores, o nosso conceito de tolerância e de responsabilidade, esta doença saiu do mundo médico para questionar os próprios fundamentos da nossa sociedade, obrigando-nos a reflectir e eventualmente a modificar os nossos comportamentos, hábitos e atitudes.

Clinicamente, a infecção do HIV/SIDA considerada uma doença crónica exige maior atenção por parte do pessoal e profissional da Saúde para poder melhorar a qualidade de vida das pessoas vivendo com HIV/SIDA (PVHS). O impacto da doença relaciona-se com vários factores, nomeadamente com a própria natureza da doença, que em certos casos é altamente incapacitante, produzindo alterações visíveis, aliando-se também ao facto dos seus portadores serem estigmatizados pela sociedade.

É importante exaltar que as pessoas ultimamente nas zonas urbanas do país procuram cada vez mais assumir o seu estado serológico com muita naturalidade, uns motivados pelo apoio nutricional, subsídios, etc, que algumas instituições proporcionam, outros pela vontade e desejo de aumentar a sua qualidade de saúde e maioritariamente essas pessoas que assumem são aquelas com baixo rendimento mensal, baixo nível de escolaridade. Os que pertencem a outras classes sociais fazem o tratamento e o respectivo seguimento numa forma personalizada, isto é, sem passar pela bicha, e com acesso directo a todos os compartimentos hospitalares e sobretudo sem notar as horas de espera de que tanto se fala.

Adesão, aderência ou compliance - Mark (2005) explica que o termo *compliance* (passe o neologismo) para descrever o quanto os pacientes obedecem as recomendações médicas e os esquemas terapêuticos. Para ele os termos adesão, cooperação e colaboração também estão relacionados a este conceito teórico e podem ser entendidos como sinónimos. Ele ressalta ainda que adesão deve ser entendida como um compromisso de colaboração para produzir resultados terapêuticos desejados.

A adesão deve ser compreendida como um fenómeno instável, processual, contextual e passível de mudanças, uma vez que está baseada na articulação entre comportamentos, crenças e atitudes. Isso significa que não podemos definir a priori se uma pessoa será ou não aderente ao tratamento ou acreditar que alguém que apresenta boa adesão não terá problemas futuros.

Aqui é importante realçar que adesão não é um fenómeno estanque, é um processo multidimensional e multideterminado que tem características específicas de doença crónica. No entanto, deve haver entrega, vontade e sobretudo motivação para uma determinada pessoa manter ou estimular cada vez mais o nível de aderência ao tratamento anti-retroviral (TARV).

Factores determinantes na adesão

a) Ligados à doença – o aspecto a ser considerado é a gravidade da doença e visibilidade dos sintomas. Quanto mais grave é o prognóstico menor a motivação do paciente em aderir ao tratamento, uma vez que não consegue perceber os seus benefícios. A não percepção dos resultados concretos do tratamento é um factor que desestimula a adesão a médio e longo prazo.

b) Factores ligados ao tratamento – quanto mais complexo for o esquema terapêutico, produtor de efeitos indesejáveis e quanto a sua interferência na rotina do indivíduo, mais difícil seguir o tratamento. O outro aspecto importante é a duração do tratamento. Quanto mais longo maior a chance de abandono.

c) Factores interpessoais – o tipo de relação médico – paciente construída apresenta um grande impacto sobre a adesão e sobre as estratégias terapêuticas que são prescritas. Se o médico e o paciente partem dos mesmos objectivos terapêuticos, a adesão é mais fácil. Di Nicola e Di Matteo (2005) afirmam que os pacientes são mais aderentes quando os médicos são afectuosos, interessados, amigáveis e desempenham comportamentos que demonstram interesse e consideração. Isso se estende a toda a equipe responsável pelo seu acompanhamento.

d) Factores institucionais – o acesso aos serviços e à estrutura que o indivíduo encontra nos serviços também são factores importantes e podem influenciar na qualidade da adesão. O acesso e a utilização dos serviços de saúde podem reduzir a progressão da doença, diminuir a hospitalização, a morbilidade associada e mortalidade, por meio de acompanhamento adequado, do uso dos anti-retrovirais e de profilaxia para as infecções oportunistas.

É necessário também considerar a distância entre a residência e o serviço, as dificuldades relacionadas às consultas de seguimento, a restrição quanto aos horários e a duração de consultas, as dificuldades das mulheres em ter com quem deixar os filhos, falta de serviços complementares (exames, consultas com especialistas, apoio psicossocial), espaço de atenção individualizada, visitas domiciliárias e acesso fácil aos profissionais responsáveis pelo tratamento.

Estes são alguns factores que demonstram a qualidade da atenção em saúde e que podem interferir directamente no vínculo do paciente com o serviço e, consequentemente, na qualidade da adesão.

Editorial

O que se passa no gabinete de Guebuza?

O Presidente da República, o senhor Armando Guebuza, está metido num covil de lobos que mais não fazem do que uivar decisões que acabam apanhando em contra-pé o chefe de Estado. Lembramo-nos da sua primeira intervenção quando da última greve, e lembramo-nos da decisão última saída do Conselho de Ministros, segundo a qual Armando Guebuza não devia se deslocar a Nova Iorque para tomar parte da Assembleia Geral das Nações Unidas, como exemplo superior do que se pretende com a retenção das despesas públicas, fruto da reivindicação popular. Condenamos esta atitude. Pensamos nós que não é esta a atitude imediata que devia ter sido tomada, apesar de nos curvamos perante o alcance político da mesma.

Derivado deste modo de agir, somos impelidos a acreditar que afinal o nosso PR foi aconselhado (mal?) a não se deslocar à terra do tio Sam, para evitar ser alvo de questionamentos extra Assembleia sobre o que se teria passado na sua terra, dados os níveis de investimento que se apregoam pelo mundo fora e tendo como alicerce os níveis difundidos sobre o estágio numérico do nosso PIB, apesar de internamente o cidadão atento saber da distância que separa entre o que se diz e o que se respira...

Para nós, os decisores do gabinete do PR andam distraídos; cumprem agenda obscura, e a cada dia que passa enterram a imagem do nosso querido PR, ressaltando para fora um quadro dum personalidade agastada, que parece agir sem norte como se de uma abelha tonta se tratasse. Não fica bem isto, caros conselheiros. Isto é um autêntico atentado à figura do chefe de Estado. E, como se isto não bastasse, são indicados aos programas televisivos indivíduos que vão ao pódio para, ao invés de mostrar seriedade no tratamento de assuntos sensíveis do Governo bajularem porcamente o vencedor das eleições de 2009.

O PR está agastado. O PR anda cansado e ninguém olha para isso. Há traição nas decisões do partido e do Governo, dando mui claramente a entender que algo se esconde por detrás das instruções transmitidas ao PR. Os mentores disso querem induzir o povo a pensar que tem no seu PR uma personalidade incaracterística, sem capacidade, acção, e actuando a reboque sobre soluções achadas ao desbarato.

Por este andar, Guebuza vai ter de parar com as presidências abertas, apesar de este assumir que estas irão prosseguir. Nós estamos a favor das mesmas. Simplesmente condenamos os números que nestas visitas se verificam, tendo em linha de conta os demasiados gastos que delas advêm.

Armando Guebuza viaja acompanhado de quatro helicópteros quando vai às províncias, esbanjando fundos públicos. Guebuza parece ainda não ter se apercebido que não fica bem viajar pelas províncias com quatro helicópteros. Um é quanto basta para um país como o nosso, que vive de mãos estendidas à caridade internacional.

Nas viagens em missão partidária, o cidadão Guebuza utiliza viaturas do Estado, e alguns casos são decretadas tolerâncias de ponto, apenas para atender às visitas do presidente do partido...

É mais uma despesa fútil e totalmente desnecessária. São custos que os moçambicanos pagam com os seus impostos, com propósitos de encher um tambor furado.

Antes de interromper as suas deslocações, Guebuza devia perceber que mesmo na Europa, tanto o Presidente da República como o primeiro-ministro para se deslocar ao estrangeiro precisa de ter um aval da Assembleia da República. E, mesmo assim, poucas vezes viajam. Em Moçambique é o contrário. A AR apenas toma conhecimento que o PR vai viajar, e alguns destes deputados até embarcam com o Presidente na qualidade de empresários. Ridículo. Quer dizer, ao invés de contribuímos para o combate à pobreza estamos a fazer o contrário na luta contra a pobreza. Estamos a semear a pobreza. Há muito abuso de poder em Moçambique, e isto claro está a concorrer para o escangalhamento do tecido social dos contribuintes.

Para nós, as medidas não devem ser tomadas assim de rompante, de ânimo leve ou por emoção política para enganar o povo. Isto é traição. Da mais perigosa que se possa magiar, com o intento de acabar politicamente com o nosso querido PR.

Já em edição anterior falávamos deste perigo. Um perigo eminente que tem nas alas da Frelimo o seu ponto de natureza e de ebulição. O PR está se dando mal com os seus colaboradores. A última novidade de que o PR não deve ir a Nova Iorque foi um golpe duro. Duríssimo. Um gesto mal concebido, um autêntico buraco propagandístico que tem merecido das mais macabras interpretações. Semana passada, apontamos ministros que não fazem o seu trabalho com responsabilidade. Acomodam-se na tolerância de Guebuza, sabem que não lhes será movido nenhum processo e, sobretudo, irão continuar a enganar o seu chefe.

Senhor PR, é tempo de abrir alas e olhar com seriedade para os destinos do país, sacudindo para bem longe os que o aconselham ao jeito do Tio Patinhas!!!